

Organizadora
Aline Sobreira

Ferreira Gullar

O poeta e a poesia



As publicações Viva Voz acolhem textos de alunos e professores da Faculdade de Letras, especialmente aqueles produzidos no âmbito das atividades acadêmicas (disciplinas, estudos e monitorias). As edições são elaboradas pelo Laboratório de Edição da FALE/UFMG, constituído por estudantes de Letras – bolsistas e voluntários – supervisionados por docentes da área de edição.



Belo Horizonte
FALE/UFMG
2016

Diretora da Faculdade de Letras

Graciela Inés Ravetti de Gómez

Vice-Diretor

Rui Rothe-Neves

Comissão editorial

Elisa Amorim Vieira

Fábio Bonfim Duarte

Luis Alberto Brandão

Maria Cândida Trindade Costa de Seabra

Maria Inês de Almeida

Reinildes Dias

Sônia Queiroz

Capa e projeto gráfico

Glória Campos

(Mangá Ilustração e Design Gráfico)

Fotografia

Duanna Grammont de Cristo

Preparação de originais

Lorena Camilo

Diagramação

Felipe de Lima Rosa

Revisão de provas

Amanda Pavani

ISBN

XXXXXXXXXXXXXXXXX (impresso)

XXXXXXXXXXXXXXXXX (digital)

Endereço para correspondência

LABED – Laboratório de Edição – FALE/UFMG

Av. Antônio Carlos, 6.627 – sala 3108

31270-901 – Belo Horizonte/MG

Tel.: (31) 3409-6072

e-mail: vivavozufmg@gmail.com

site: www.lettras.ufmg.br/vivavoz

Edições Viva Voz de interesse para a área de estudos de literatura

Primeiras leituras

Constância Lima Duarte (Org.)

Por que amo Llansol?

Angelina Bittencourt

Flávia Andréa Costa

Francielle Vargas (Org.)

Mulheres em Letras

Memória, transgressão, linguagem

Aline Alves Arruda

Ana Caroline Barreto Neves

Constância Lima Duarte

Kelen Benfenatti Paiva (Org.)

Esta é minha carta ao mundo

Sobre a tradução da *Letter* de Emily Dickinson

Fernanda Mourão (Org.)

Os livros e cadernos Viva Voz estão disponíveis em versão eletrônica no *site*: <www.lettras.ufmg.br/vivavoz>

Sumário

Apresentação . 5

Aline Sobreira

Palestra de Ferreira Gullar proferida na Faculdade de Letras da UFMG . 9

Ferreira Gullar: percursos poéticos . 33

Esta publicação é resultado de trabalho elaborado pela turma da disciplina "Estudos Temáticos em Edição: Preparação de Originais", do Bacharelado em Letras com ênfase em Edição, ministrada por Aline Sobreira no primeiro semestre de 2015.

Apresentação

Este caderno Viva Voz traz a público a palestra de Ferreira Gullar – um dos maiores expoentes da poesia brasileira contemporânea – realizada na Faculdade de Letras da UFMG em 16 de maio de 2013, por ocasião da IV Semana de Letras da UFMG, organizada pelo Diretório Acadêmico Carlos Drummond de Andrade (Gestão Travessia).¹ “Palestra”, aqui, deve ser entendida não como conferência de um especialista, mas em seu sentido mais amplo e não acadêmico de conversa em torno de uma paixão e um ofício: a poesia; conversa em que se ouve também a voz de leitores e outros artistas tocados pela palavra do poeta.

Em sua fala, Ferreira Gullar rememora momentos decisivos em sua formação como leitor e, posteriormente, como escritor, revelando detalhes de sua infância e sua vida escolar, ainda em São Luís, Maranhão. Discorre também sobre a arte contemporânea, tecendo comentários sobre o trabalho de artistas como Lygia Clark e Hélio Oiticica e recusando uma concepção de arte pautada apenas pela rebeldia, pelo choque, pelo deslocamento, sem sustentação no verdadeiramente poético. Assumindo um tom assertivo, Gullar argumenta que “[a] vanguarda é a rebeldia contra o instituído, mas essa vanguarda é estranha, porque precisa da instituição pra existir. Meu Deus, é uma piada! A *Mona Lisa* não precisa do Louvre pra existir [...] Quem precisa da *Mona Lisa* é o Louvre pra ser museu, não o contrário”.

¹ Segundo o mediador na apresentação da palestra ao público, o evento contou com o apoio da Imprensa Oficial de Minas Gerais, da Academia Mineira de Letras, do Livro de Graça na Praça, da Borrachaliteca de Sabará, da Associação Cultural Nação HQ e da Margem Produções, além da diretoria da Faculdade de Letras, do seu Centro de Extensão, do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários e do professor Marcos Rogério Cordeiro Fernandes.

Esta publicação é fruto da disciplina “Estudos Temáticos em Edição: Preparação de Originais”, ministrada por mim na Faculdade de Letras no primeiro semestre de 2015. O estabelecimento do texto foi possível a partir da transcrição do áudio da conversa, realizada pelas estudantes Pauliane Santos Coelho e Jéssica Nathane Martins Mariz, no âmbito da disciplina “Estudos Temáticos em Edição: Edição de Narrativas Orais”, ministrada pela professora Sônia Queiroz em 2013. Com esse rico material em mãos, o trabalho de edição textual foi realizado coletivamente, em sala de aula, tendo como horizonte um texto final que já não carregasse as marcas características de uma transcrição, mas que resguardasse sua natureza oral e dialógica. A experiência foi duplamente proveitosa: além de atuarmos em um texto de interesse para alunos de Letras em geral – por trazer discussões relevantes ao campo da literatura e da arte contemporâneas –, foi possível vivenciar situações cotidianas no universo da preparação de originais (uma das possibilidades de atuação profissional para alunos formados na ênfase em Edição do curso). Os alunos tiveram a oportunidade de experimentar na prática o que vinha sendo afirmado no plano teórico durante as aulas: que a tarefa do preparador de originais vai muito além da revisão textual, abarcando também tarefas de pesquisa e consulta, o que demanda conhecimento de mundo, bom senso e sensibilidade ao estilo do autor e à natureza do texto, bem como da publicação.

Paralelamente às tarefas de edição de texto e de normalização segundo os parâmetros das edições Viva Voz, os alunos produziram, em grupos, os paratextos que acompanham esta publicação: uma breve biografia do poeta, acompanhada de uma relação de obras poéticas de sua lavra editadas no Brasil e no exterior. Foi realizado ainda um trabalho de cotejo dos poemas declamados durante a palestra com edições consagradas de sua obra, a fim de respeitar a forma como eles foram anteriormente editados. Essas atividades permitiram não apenas uma maior inserção no universo do poeta e sua obra, como também destacaram a importância dos paratextos em uma publicação, além, é claro, no caso do cotejo dos poemas, de ter permitido enfatizar a necessidade de se atentar à natureza e à forma dos textos, em especial os literários.

Edições estrangeiras

29^o Rotterdamse Schouwburg. Tradução de August Willemsen. Rotterdam: [s.n], 1998.

Der Grüne Glanz der Tage. Tradução de Curt Meyer-Clason. München: R. Piper GmbH & Co. Kg, 1991.

Dirty poem. New York: University Press of America, 1991.

En el vértigo del día. Ciudad de México: Editorial Aldus, 1998.

Faule Bananen und Andere Gedichte. Tradução de Curt Meyer-Clason. Frankfurt: Verlag Maus Dieter Vervuert, 1986.

Hombre comun y otros poemas. Buenos Aires: Calinanto Editorial, 1979.

La lucha corporal y otros incendios. Caracas: Centro Simón Bolívar, 1977.

Livro-poema. Frauenfeld: Herausgeber Verlag, 1965.

Morgen is Weer Geen Andere Dag. Tradução de August Willensem. [s.l.]: Wagner & Van Santen, 2003.

Obra poética. Vila Nova de Famalicão: Quasi, 2003.

Poemas. Lima: Tierra Brasileña, 1985.

Poema sucio. Madri: Visor Libros, 1997.

Poema sucio. Bogotá: Editorial Norma, 1998.

Poema sucio. Tradução de Jorge Timossi. Havana: Casa de las Américas, 2000.

Schmutziges Gedicht. Tradução de Curt Meyer-Clason. Frankfurt: Suhrkamp, 1985.

como patrono o poeta e inconfidente mineiro Tomás Antônio Gonzaga e foi ocupada anteriormente por personalidades como Silva Ramos, Alcântara Machado, Getúlio Vargas, Assis Chateaubriand, João Cabral de Melo Neto e recentemente pelo ensaísta e curador Ivan Junqueira, amigo de Gullar.

Muitos o consideram o maior poeta vivo do Brasil, e não seria exagero dizer que, durante suas seis décadas de produção artística, Ferreira Gullar participou de todos os acontecimentos mais importantes da poesia brasileira.

Obras poéticas

Edições brasileiras

A luta corporal. Edição do autor, 1954.

A luta corporal e novos poemas. Rio de Janeiro: José Álvaro Editor, 1966.

Bananas podres. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2011.

Barulhos. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987.

Crime na flora ou Ordem e progresso. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

Dentro da noite veloz. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

Escrito de um habitante no planeta. [s.l.]: Edições Relampâgo, 2006.

Em alguma parte alguma. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.

Experiência neoconcreta: momento-limite da arte. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

João Boa-Morte, cabra marcado pra morrer. Rio de Janeiro: CPC-UNE, 1962.

Muitas vozes. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

Na vertigem do dia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

O formigueiro. São Paulo: Europa, 1991.

Ossos e vozes. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2010.

Poemas. Rio de Janeiro: Edições Espaço, 1958.

Poema sujo. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.

Por você, por mim. Rio de Janeiro: Sped, 1968.

Quem matou Aparecida? (cordel). Rio de Janeiro: CPC-UNE, 1962.

Romances de cordel. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

Um pouco acima do chão. Edição do autor, 1949.

Trata-se portanto do registro de uma experiência proteica: o contato com Ferreira Gullar, suas memórias de infância e suas opiniões sobre criação poética; o exercício da atividade editorial, na definição dos paratextos que iriam compor o original; o trabalho minucioso de preparação do original, com destaque para a riqueza de questões levantadas ao longo da edição do texto oral; a tarefa de pesquisador, indispensável ao bom preparador de originais; o exercício, por vezes perturbador, de escuta da “voz” do texto.

Aline Sobreira

escreveu o *Poema sujo*, em 1975, que representa a solução dos problemas vividos por todos os intelectuais do período, que viram seus ideais populistas serem sufocados pelo golpe de 1964. O livro foi publicado pela editora Civilização Brasileira em 1976 e lançado no Rio ainda sem sua presença.

Em 1978 voltou ao Brasil, mas foi preso no dia seguinte pelo Departamento de Polícia Política e Social, o famigerado ex-Dops, onde foi interrogado e ameaçado durante 72 horas, mas, graças ao esforço de amigos, consegue ser libertado e, aos poucos, retomou seu trabalho no país. Gravou um disco, *Antologia poética de Ferreira Gullar*, pela gravadora Som Livre em 1979, mesmo ano em que estreou *Um rubi no umbigo*, primeira peça que escreveu individualmente. Começou ainda a trabalhar no núcleo de teledramaturgia da TV Globo e ganhou o prêmio Personalidade Literária do Ano, da Câmara Brasileira do Livro.

Aos poucos Ferreira Gullar retoma suas atividades como poeta, jornalista, escritor e crítico. Em 1984, recebe o título de Cidadão Fluminense. Foi nomeado em 1992, pelo presidente Itamar Franco, diretor do Instituto Brasileiro de Arte e Cultura (Ibac) e permaneceu no cargo por mais de três anos, de 1992 a 1995, período suficiente para devolver à instituição seu antigo nome, Funarte. Ganhou muitos prêmios literários. Em 1994, sua esposa, Thereza Aragão, vem a falecer, e em 1999 é inaugurada, em São Luís, a Avenida Ferreira Gullar.

É indicado, em 2002, por nove professores dos Estados Unidos, do Brasil e de Portugal, para o Prêmio Nobel de Literatura e foi eleito o “Homem de Ideias do ano”, pelo *Jornal do Brasil* em 2004.

Em 2007, seu livro *Resmungos* ganhou o Prêmio Jabuti de melhor livro de ficção. Editado pela Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, o livro reúne crônicas de Gullar publicadas no jornal *Folha de S. Paulo* em 2005. Em 2009, Gullar foi considerado pela *Revista Época* um dos 100 brasileiros mais influentes do ano. Em 2010, recebe o Prêmio Luís de Camões. Em 20 de outubro de 2011, ganhou o Prêmio Jabuti com o livro de poesia *Em alguma parte alguma*.

Em 5 de dezembro de 2014, Gullar foi considerado um imortal na Academia Brasileira de Letras e tomou posse de sua cadeira, de número 37, tendo obtido na votação 36 dos 37 votos possíveis. A cadeira tem

Casou-se com a atriz Thereza Aragão em 1954 e, juntos, têm três filhos: Paulo, Luciana e Marcos. Ainda naquele ano passou a trabalhar como revisor na revista *Manchete* e publicou *A luta corporal*, obra considerada precursora do movimento paulista de poesia concreta.

Em 1956, participou da I Exposição Nacional de Arte Concreta, marco oficial do início da poesia concreta, no Museu de Arte Moderna de São Paulo, movimento do qual se afastou em 1959, ano em que escreveu o *Manifesto neoconcreto*. Após romper com os concretistas, aproximou-se da realidade popular e do pensamento progressista da época, todo ele ligado ao populismo.

Ainda em 1959, criou, junto com Lígia Clark e Hélio Oiticica, o movimento neoconcretista, que valorizava a expressão e a subjetividade em oposição ao concretismo ortodoxo. Posteriormente, ainda no início dos anos 1960, afastou-se desse grupo também e passou a produzir uma poesia engajada, envolvendo-se com os Centros Populares de Cultura (CPCs).

Com *Poemas*, em 1958, mostrou-se neoconcretista e liderou o movimento no âmbito carioca, com a publicação do ensaio-manifesto *Teoria do não-objeto*, já em 1959. Encerrou a fase formalista em 1961 e aderiu à poesia politicamente engajada do movimento *Violão de Rua*, do CPC da União Nacional dos Estudantes (UNE), do qual era presidente quando sobreveio o Golpe Militar de 1964. Em dezembro de 1968, após assinado o Ato Institucional n. 5, ele foi preso.

Gullar foi agraciado com os prêmios Molière e Saci em 1966 com *Se correr o bicho pega, se ficar o bicho come*, escrita em colaboração com Oduvaldo Viana Filho e considerada uma obra-prima do teatro moderno brasileiro.

Em 1970, entra na clandestinidade e um ano depois parte para o exterior com medo das consequências que poderia sofrer no Brasil. Primeiramente segue para Moscou, depois para Santiago, Lima e Buenos Aires. Enquanto morava fora do país, colabora para *O Pasquim*, *Opinião* e outros jornais usando o pseudônimo de Frederico Marques. Absolvido em 1974, pelo Supremo Tribunal Federal, da acusação de pertencer ao Comitê Cultural do Partido Comunista Brasileiro, continua refugiado em Buenos Aires para não ser preso no Brasil, onde

Palestra de Ferreira Gullar proferida na Faculdade de Letras da UFMG

M Convidamos o ensaísta, crítico de arte, tradutor e o maior poeta da nossa literatura atual, Ferreira Gullar!

Ferreira Gullar *Bom, pessoal, minha garganta não está lá muito boa, mas boa noite! É um prazer estar com vocês aqui e ser objeto de tamanho entusiasmo, receber tantos aplausos, tanta coisa! Eu fico muito contente, muito feliz, espero que isso seja a expressão de que a poesia tem algum sentido, alguma importância nessa sociedade, cheia de bandidos e de corruptos, mas que não são a essência da nossa sociedade. Quero cumprir e agradecer a presença de vocês aqui.*

M Então, Ferreira, pra iniciar, eu gostaria que você falasse um pouco sobre a sua formação literária, a sua descoberta da poesia, passando pelas leituras, os autores que mais te influenciaram desde o início.

FG *Muita coisa! Eu nasci em São Luís do Maranhão, em 1930, agora eu tenho 82 anos. Sou filho de um quitandeiro que antes de ser quitandeiro foi center forward, quer dizer, centroavante da seleção maranhense de futebol, Newton Ferreira. Ele fez uma porção de filhos, criou uma família enorme. Quando era jogador de futebol, ele era mais folgado, depois se meteu numa confusão com dona Alzira e criou essa porção de filhos. Quando ele estava já numa certa idade, teve um problema de saúde, e eu o chamei e o trouxe ao Rio, para que ele se tratasse. Quando ele chegou, olhou e disse: "Eu estive aqui... Isso foi em 1929, com a seleção maranhense de futebol, o presidente Washington Luís nos recebeu no palácio. No dia seguinte fomos jogar contra a seleção carioca, perdemos de 9 a 0". A literatura que ele lia era história policial, uma revista chamada Detetive. Em minha casa não tinha livros, a não ser um ou outro que aparecia por lá, de modo que eu era moleque de rua, garoto, vivia vagabundando lá. Meu apelido era Periquito, meus dois*

colegas, um era Esmagado, o outro era Espírito da Garagem da Bosta. Bom, a gente roubava copo em botequim, vendia pra um comerciante lá no bairro e vivia assim.

Eu descobri a literatura, quer dizer, eu jamais imaginei que fosse ser escritor. Imagina, nem pensar! Mas um dia aconteceu que meu pai me botou num ginásio pago, aí não tinha dinheiro pra pagar e eu tive que sair de lá. Então fui pra Escola Técnica de São Luís, que era de graça, e existe até hoje. É uma escola profissionalizante. De modo que aprendi, eu fui pra oficina de marcenaria, serralheria, sapataria. Na serralheria tinha um maulho que pesava mais do que eu; eu forte como eu sou, vocês imaginam o sofrimento. Mas sapataria, alfaiataria, eu aprendi a fazer sapato. Se alguém aí estiver precisando de uma meia-sola aí...

Um dia a professora passou um dever de casa sobre o Dia do Trabalho, pra fazer a redação em casa. Eu fiz a redação, cheguei e entreguei. A minha redação era "No Dia do Trabalho ninguém trabalha, feriado". Ela achou uma ideia magnífica, elogiou muito e falou que só não me dava 10 porque havia alguns erros de português. Então eu pensei comigo: "Eu não sei o que eu vou ser, o que vou fazer da vida, quem sabe serei escritor? Eu sei escrever, ela gostou, né? Mas se eu sei escrever eu não posso cometer erros de português". Antigamente a gente pensava assim. Então eu fui estudar e passei dois anos só lendo gramática, pra me formar como profissional. Na Gramática expositiva de Eduardo Carlos Pereira, havia uma antologia que começava com Camões, Gonçalves Dias, Vocais, vinha até Mário de Andrade. Descobri a poesia lendo aqueles poemas. Então, em vez de eu simplesmente achar que eu devia me tornar um leitor de poesia, achei que seria interessante se eu pudesse fazer também. Mas pra mim todos aqueles poetas estavam mortos. Eu morava na periferia de um bairro operário, e na minha casa não tinha livros. Frequentemente eu achava que todos os poetas já tinham morrido, de modo que quando a minha irmã Consuelo chegou pra mim e falou: "Olha, o pai da Iracema é poeta e quer te co-

Ferreira Gullar: percursos poéticos

[...] toda sociedade é, por definição, conservadora, uma vez que, sem princípios e valores estabelecidos, seria impossível o convívio social. Uma comunidade cujos princípios e normas mudassem a cada dia seria caótica e, por isso mesmo, inviável.
Ferreira Gullar

Ferreira Gullar é pseudônimo de José Ribamar Ferreira, poeta, crítico de arte e teatrólogo brasileiro, que com uma poesia de cunho social tornou-se um dos mais importantes poetas brasileiros surgidos após o movimento modernista de 1922. Nasceu em São Luís, no Maranhão, em 10 de setembro de 1930. Seus pais, Alzira Ribeiro Goulart e Newton Ferreira, tiveram 11 filhos, dos quais Gullar é o quarto. Por ter um nome muito popular no Maranhão – José Ribamar –, preferiu criar o seu pseudônimo mesclando o sobrenome do seu pai, com a grafia alterada, ao sobrenome da mãe.

Entrou para a Escola Técnica de São Luís em 1943 e a partir de sua primeira paixãoite, aos 13 anos, decidiu ficar recluso em casa lendo e escrevendo poemas. Resolveu que se tornaria escritor quando venceu um concurso de redação sobre o Dia do Trabalho, em sua escola, em 1945, conseguindo publicar em um jornal seu soneto "O trabalho" em 1947.

Em 1948, com 18 anos, tornou-se locutor da Rádio Timbira e colaborador do *Diário de São Luís*. Pouco tempo depois, em 1949, publicou seu primeiro livro, de edição própria, e com o apoio do Centro Cultural Gonçalves Dias, *Um pouco acima do chão*, que foi premiado em um concurso de poesia promovido pelo *Jornal de Letras* em 1950. Nesse mesmo ano mudou-se para o Rio de Janeiro, onde ganhou o concurso de poesia promovido pelo *Jornal de Letras* com seu poema "O galo". Em 1951 passou a trabalhar na *Revista do Instituto de Aposentadoria e Pensão do Comércio*.

nhecer”, falei: “Ah! Poeta não é não, o poeta já morreu”. “Não, ele é poeta!”, ela retrucou. Aí eu fui conhecê-lo, e ele não só não era poeta como era membro da Academia Maranhense de Letras, coisa que eu desconhecia que existisse. E a umas dez quadras da minha casa, havia a Academia e a Praça João Lisboa cheia de poetas. Ele me levou pra lá, e eu entrei na convivência dos poetas e me tornei membro da vida literária maranhense. Entrei pro Centro Cultural Gonçalves Dias e virei poeta, foi isso.

M Depois desse processo de formação, acho que a gente já pode dar um salto e partir pra década de 1950, época da composição da obra *A luta corporal*, e para o surgimento de movimentos como o concretismo e o neoconcretismo. Gostaria que o senhor comentasse um pouco sobre isso.

FG *Veja bem, esse poeta que a minha irmã me apresentou, Manuel Sobrinho, membro da Academia Maranhense de Letras, era um poeta acadêmico, que escrevia sonetos, tudo metrificado, rimado, de acordo com o parnasianismo. Eu aprendi a fazer poesia assim, é por isso que eu digo que eu nasci em Macondo, sabe? Aquela cidade onde tudo acontece cem anos depois. Em 1948, eu escrevia como se escrevia no final do século XIX, embora em 1922 tivesse acontecido a Semana de Arte Moderna. Mas isso não tinha chegado lá em São Luís, então eu escrevia, fazia sonetos, escrevia que nem Olavo Bilac, Raimundo Correia e tal. Um dia, eu abri um livro e tinha lá um poema de Carlos Drummond de Andrade que falava assim: “lua diurética”.² Eu falei: “Pô, não! Esse cara está de gozação! ‘lua diurética’? Poesia é ‘alma minha gentil, que te partiste/Tão cedo desta vida descontente,/repousa lá no céu eternamente/E viva eu cá na terra [sempre triste]’,³ ‘Ora (dizeis) ouvir estrelas! Certo/Perdeste [o senso]’.⁴ Agora, ‘lua diurética’? Pô, esse cara está de sacanagem!”. Aí outro poema: “[Ponho-me a escrever] teu nome/Com*

² O poema em questão é “A lua foi ao cinema”.

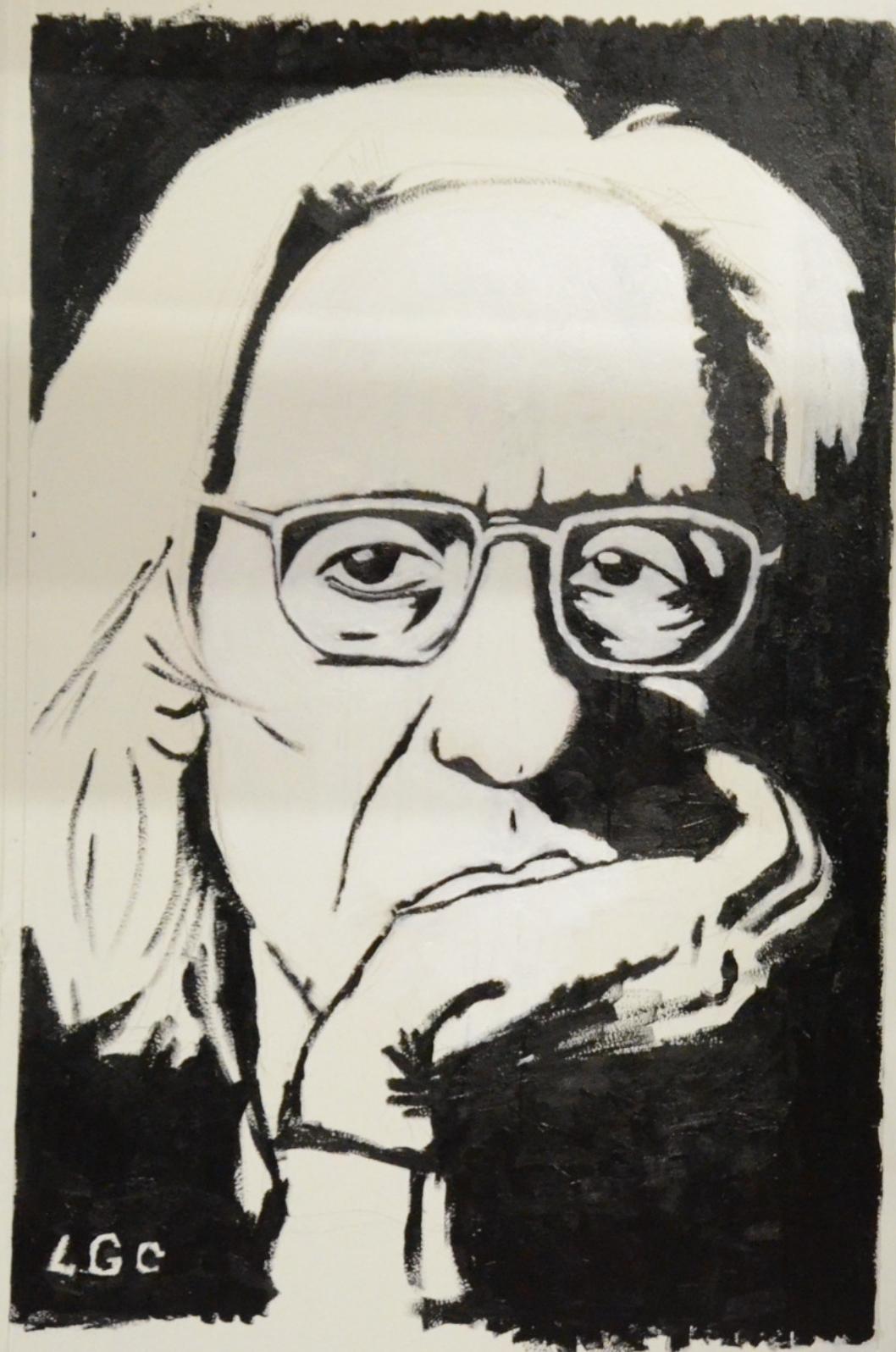
³ Versos do poema “Alma minha gentil, que te partiste”, de Luís Vaz de Camões.

⁴ Versos do poema “Ouvir estrelas!”, de Olavo Bilac.

letra de macarrão”.⁵ Falei: “Ah! Letra de macarrão na sopa? Tudo bem! Mas esses caras são modernos, né?”. Quer dizer, era gente do Rio de Janeiro, né? E eu tratei de ler pra saber que diabinhos era aquilo, por que o cara escrevia daquela maneira. Fui ler Mário de Andrade, O empalhador de passarinho, fui ler Álvaro Lins, os críticos e tal, e entendi o que era poesia moderna, mais ou menos. Bom, o resultado na verdade é o seguinte: a poesia que a gente fazia, do Olavo Bilac, do Raimundo Correia, era uma poesia de um mundo idealizado, certo? E a poesia moderna é uma poesia que nasce do mundo banal, do mundo real. A diferença, grosso modo, é essa. A poesia do passado apresenta um mundo poetizado a priori, e a poesia moderna se passa na vida real, na vida banal, na vida cotidiana, a diferença é essa. Imaginei, por exemplo, o poema do Drummond. Quando ele diz isso, ele imagina, ele está num restaurante sozinho, tomando uma sopa, no mesmo restaurante em que um dia esteve com sua amada, que se mandou. Agora ele está só ali, tomando aquela mesma sopa, mas não consegue esquecê-la, então vê o nome dela nas letras da sopa. É bonito, é uma poesia que nasce da vida real. A outra também é uma poesia legal, mas essa tem essa diferença. É uma poesia que nasce do cotidiano, é a transformação do mundo banal, do mundo real em poesia. O poeta não fala do mundo idealizado, ele fala do mundo em que vive, da vida que vive, então isso eu aprendi.

M Agora vamos voltar um pouco, mas também já avançar na carreira do poeta. Queria que você comentasse mais sobre a sua relação com a produção de artistas como Lygia Clark, Hélio Oiticica e outros, e a influência que esses artistas vão ter nisso que vai ser chamado de arte contemporânea. Queria também que comentasse um pouco sobre as características dessa produção e a sua posição em relação a ela, como a questão da ausência de linguagem e outras coisas relacionadas a esse tema.

⁵ Versos do poema “Sentimental”, de Carlos Drummond de Andrade.



vai pelo mar
cantando pela serra o luar
correndo entre as estrelas a voar
no ar
piuí! piuí piuí
no ar

AA Muito obrigada.

Integrante do Grupo Arautos da Poesia Oi, gente! Foi uma honra fazer esta singela homenagem ao Ferreira Gullar e os Arautos da Poesia, uma ação da Borrachaloteca. E aqui nós temos: Sartre Alves, Cecília Clarisse, Laila Natália, Thaís Correa, Sheila Emília e a coordenadora disso tudo, minha companheira, Agda Alves. Obrigada!

M Agradeço a belíssima apresentação dos Arautos da Poesia e ao Marco Túlio Damascena, grande idealizador da Borrachaloteca de Sabará.

Todos os poemas declamados na palestra foram cotejados para esta edição a partir de GULLAR, Ferreira. *Toda poesia*. 21. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.

FG Não posso me estender muito sobre esse assunto, porque é preciso que as pessoas tenham conhecimento do trabalho da Lygia Clark, dos Bichos, do que ela fez, do trabalho do Hélio Oiticica, do projeto Cães de caça e outros. A verdade é que a arte neoconcreta se caracterizou pela participação do espectador na obra, a partir do livro-poema. Como é manuseável, o livro-poema era ele e a obra ao mesmo tempo. Manuseá-lo era fazer a obra, e isso a Lygia fez com os Bichos, criou um tipo de escultura manuseável que permitia ao espectador participar da obra, ajudar a fazê-la expressar. E o Hélio Oiticica também. Mas, depois dos Bichos, e depois dos projetos iniciais do Hélio, eles foram avançando numa direção que significou a destruição da obra. A Lygia diz numa certa altura que a partir dali a obra não é mais o objeto obra, é o ato de fazer, a ação é a obra. Ela cria, por exemplo, um tubo de seda, e você entra nele. A obra é entrar no tubo de seda, são as sensações que você experimenta ao entrar no tubo de seda. A função do artista seria provocar em você essas sensações. Essas experiências da Lygia e do Hélio são precursoras do que iria se chamar depois arte contemporânea, como instalações em que você entra e mexe, etc. Meu julgamento a respeito disso é bastante diferente do que muita gente afirma. O pessoal acha que botar casais nus no MoMA [Museum of Modern Art] é fazer arte, eu acho que não é. O cara acha que botar três urubus e mandar para a Bienal [Internacional de Arte] de São Paulo numa gaiola é fazer arte, eu acho que não é. Eu sei que é bacana dizer que é arte porque todo mundo é de vanguarda, é avançado. E quem não é de vanguarda é reacionário, então tem que gostar de qualquer coisa, mas eu não gosto. Eu gostaria de perguntar pra essa dona que botou casais nus no MoMA o seguinte: esses casais nus no seu quarto são obras de arte? Não, né?! Só se estiver no MoMA! Então é o museu que transforma sua obra em arte? Se não estiver no MoMA não é arte. Na rua, não é arte, vai preso! Mas no MoMA é obra. Quer dizer, urubu é urubu, mas se estiver na Bienal é arte. A vanguarda se caracteriza por ser anti-institucional, o que está

instituído não é vanguarda, está instituído. Certo? O que está instituído está consolidado, reconhecido. A vanguarda é a rebel- dia contra o instituído, mas essa vanguarda é estranha, porque precisa da instituição pra existir. Meu Deus, é uma piada! A Mona Lisa não precisa do Louvre pra existir. A Mona Lisa foi roubada, ficou dois anos sumida, foi encontrada dentro de uma maleta com roupa suja em Florença e nunca deixou de ser obra de arte. Quem precisa da Mona Lisa é o Louvre pra ser Museu, não o contrário. Não é a Mona Lisa que precisa do Louvre. Isso é um equívoco, é uma bobagem. É preciso ter coragem de dizer: "Isso é bobagem! Isso não é obra de arte". Obra de arte é uma coisa que as pessoas fazem! A dona que inventou essa bobagem lá do MoMA fez os casais? Ela fez?

Outra coisa que oficializa a obra de arte é a exigência da feitura, a economia de meios. Não é gratuito! Um poema do Drummond, como eu mostrei aqui, começa pelo acaso e tudo vira necessário, não se pode tirar uma palavra dali. Mas os casais do MoMA podem ser quantos casais? Cinco, seis, sete, oito, nove? Muda alguma coisa? Não, né? O casal pode ser preto, marrom, amarelo, azul... Também não muda! Pode ter pau pequeno, pau grande. Também não muda! Então, que arte é essa? É só uma boa ideia? Então é a "Caninha 51"! Eu não preciso fazer nada e vale tudo, é a "Caninha 51", é uma boa ideia. De modo que tem que ter a coragem de dizer: "Isso é besteira". A arte tem vinte mil anos, nasceu na caverna e já lá é bonita, é expressiva, é criativa, porque isso é próprio do ser humano. Agora não vá me dizer que é meia dúzia de creatina a partir do urinol do Duchamp no século XX que vai acabar com 20 mil anos. Pera lá, né? Estamos brincando? Quer dizer que toda a arte egípcia, toda a arte grega e do Renascimento, nada vale nada? O urinol de Duchamp acabou com tudo. Isso é bobagem, gente! E tem que ter coragem de dizer "não" pra esses babacas, sabe? Outro dia o [Mario] Vargas Llosa disse isso que eu estou dizendo aqui. Claro! Qualquer pessoa sensata, honesta, que não tenha medo de dizer a verdade diria: "É uma bobagem, cara". Pra mim o novo é maravilhoso.

porque, se falo alto, não me escuto.

A poesia é, na verdade, uma fala ao revés da fala, como um silêncio que o poema enxuma do pó, a voz que jaz embaixo do falar e no falar se cala. Por isso o poeta tem que falar baixo baixo quase sem fala em suma mesmo que não se ouça coisa alguma.

AA Agora, pra encerrar, vamos cantar bem bonito "eu vi o Sol, eu vi a Lua"? Vamos lá?

GAP

Eu vi o Sol, eu vi a Lua, eu vi a poesia no meio da rua.

AA Vocês aceitam poesia?

Plateia Sim.

AA Então vamos lá.

Agda, Laila, Thais e Sheila

Quantas tardes numa tarde!

lá vai o trem com o menino
lá vai a vida a rodar
lá vai ciranda e destino
cidade e noite a girar
lá vai o trem sem destino
pro dia novo encontrar
correndo vai pela terra
vai pela serra

Laila e Sheila

Dois e dois: quatro

Como dois e dois são quatro
sei que a vida vale a pena
embora o pão seja caro
e a liberdade pequena

como teus olhos são claros
e a tua pele, morena
como é azul o oceano
e a lagoa, serena

como um tempo de alegria
por trás do terror me acena
e a noite carrega o dia
no seu colo de açucena

— sei que dois e dois são quatro
sei que a vida vale a pena

mesmo que o pão seja caro
e a liberdade, pequena.

AA E vocês, que eu sei que ajudaram o Cristian nessa empreitada tão bonita, aceitam poesia? Julinho, você aceita, né?

L

Falar

A poesia é, de fato, o fruto
de um silêncio que sou eu, sois vós,
por isso tenho que baixar a voz

Se o cara conseguir fazer uma obra de arte que eu nunca vi, eu caio de joelhos e beijo os pés dele. O novo, lindo, criativo, é a maravilha da vida. Agora, urubu na gaiola não dá! Cocô dentro da lata. O cara pega o cocô e manda pra uma galeria de arte e diz: "Realmente, esse cocô..."

Porque na verdade é o seguinte: existem os detentores do conhecimento que querem mandar nas pessoas como se a verdade fosse uma coisa acima de todo mundo, e eles fossem os donos da verdade, compreendem? Uma vez, um amigo meu que trabalhava comigo na TV Globo e me ouviu dizer essas coisas que estou dizendo aqui falou: "Poxa, ainda bem que você está dizendo isso, porque eu mal conseguia dormir de complexo por não gostar desses troços!". E é um cara redator da Globo, é um intelectual, só que ele não é do meio, e falou: "Pô, eu não tinha coragem de dizer que eu não gosto, cara". Não tenha medo de dizer não. Cocô é cocô mesmo, não é obra de arte! Não há mistério quanto a isso.

M Depois dessa exposição extraordinária do poeta Ferreira Gullar, vamos prestar duas homenagens pra ele, de dois grupos que estão aqui. Vamos passar pra essa parte agora, e pra iniciar e fazer uma homenagem ao poeta pelo viés da cultura popular brasileira, que foi uma área que ele já trabalhou bastante, gostaria de chamar o poeta e cordelista Olegário Alfredo e sua esposa, Regina.

Olegário Alfredo Boa noite! Vamos fazer uma pequena leitura em homenagem ao poeta Ferreira Gullar, em literatura de cordel, que é uma literatura genuinamente brasileira. Tiramos algumas partes, porque achamos meio extenso, e vamos ler o que achamos que todos possam compreender.

Regina É uma singela homenagem ao Ferreira Gullar.

OA O cordel se chama *Ferreira Gullar: o pai da poesia social*.

Aqui me ponho a contar
dentro do veio da história
o tudo que pesquisei
e o que trago da memória
sobre Ferreira Gullar ante a sua trajetória.

Abro a veia do pensamento
ela se encontra a pulsar
na ansiedade de dizer
de maneira popular
sobre a vida do poeta
que é Ferreira Gullar.

R

São Luis do Maranhão
nasce Ferreira Gullar,
o quarto dos onze filhos
no Nordeste à beira-mar
no dia 10 de setembro
na primavera a brilhar.

OA

O seu pai, um comerciante
de nome Newton Ferreira,
sua mãe Alzira Gullar
nordestina brasileira,
foi em escola católica
a sua educação primeira.

R

O seu nome de batismo
José Ribamar Ferreira,
um homem iluminado,
nordestino de primeira,
predestinado na vida
de seguir bela carreira.

FG *Hein? Se eu aceito?*

AA *É.*

FG *É claro.*

SA

Companheiro fiel

Se estou trabalhando
— seja a que hora for —
Gatinho se deita ao lado
do meu computador.

Se vou para a sala
e deito no sofá,
ele logo vai pra lá.

Se à mesa me sento a escrever poesia
e da sala me ausento
pela fantasia, volto à realidade
quando, sem querer,
toco de revés
numa coisa macia.

Já sei, não pago dez:
é o Gatinho que sem eu saber
veio de mansinho
deitar-se a meus pés.

GAP

Eu vi a poesia e trouxe pra você, vem também recitar e ler.
Eu vi o Sol, eu vi a Lua, eu vi a poesia no meio da rua.

AA *Ô menina, você aceita poesia? Aceita?! Ô Laila, faz pra ela.*

na outra parte
— que é uma questão
de vida ou morte —
será arte?

GAP

Eu vi a poesia e trouxe pra você, venha também recitar e ler.
Eu vi o Sol, eu vi a Lua, eu vi a poesia no meio da rua.

AA Você aceita poesia? Aceita? Vocês dois? Quem vai fazer? Cecília?
Então vai lá, Cecília.

Cecília

O ron-ron do gatinho

O gato é uma maquininha
que a natureza inventou;
tem pelo, bigode, unhas
e dentro tem um motor.

Mas um motor diferente
desses que tem nos bonecos
porque o motor do gato
não é um motor elétrico.

É um motor afetivo
que bate em seu coração
por isso ele faz ron-ron
para mostrar gratidão.

GAP

Eu vi o Sol, eu vi a Lua, eu vi a poesia no meio da rua.
Eu vi o Sol, eu vi a Lua, eu vi a poesia no meio da rua.

AA Senhor Ferreira, o senhor aceita uma poesia?

OA

A respeito de seu nome
uma solução sintética:
como há muitos Ribamares
pela região nordéstica,
Ferreira Gullar para ele
uma criação poética.

R

Pegou o Gullar da mãe,
mas o Ferreira do pai,
invertendo a posição
para ver o que é que sai.
Como a vida é uma invenção,
eu inventei o meu nome "uai".

OA

1930 era o ano que transcorria,
pelo seu corpo adentrava
a verdadeira poesia,
aquele recém-nascido
o nosso povo merecia.

R

E na sua adolescência,
ele ganhou um apelido
por ser magro e serelepe
e também extrovertido,
os amigos o chamavam
de periquito querido.

OA

Nessa fase ele se pôs
a compor muitos poemas,
abandonando os amigos
da esquina e de cinemas.

Em sua cabeça inquieta
pululavam muitos temas.

R

Tendo os livros emprestados
da biblioteca local
dedicou muito à leitura
brasileira e universal,
revelando desde cedo
um bom intelectual.

OA

Pois Ferreira Gullar é
ser humano genial,
toda a sua poesia
é de cunho social,
tornou-se dessa maneira
um poeta universal

R

Entra pra rádio Timbira e torna-se locutor
no *Diário São Luis*
vira colaborador,
já com muitos poemas seus
corre atrás d'um editor.

OA

Tão logo vê publicado,
um pouco acima do chão,
primeiro livro do autor
um parto de precisão,
pago com recursos próprios
o que escreveu com a sua mão.

Sheila

Traduzir-se

Uma parte de mim
é todo mundo:
outra parte é ninguém:
fundo sem fundo.

Uma parte de mim
é multidão:
outra parte estranheza
e solidão.

Uma parte de mim
pesa, pondera:
outra parte
delira.

Uma parte de mim
almoça e janta:
outra parte
se espanta.

Uma parte de mim
é permanente:
outra parte
se sabe de repente.

Uma parte de mim
é só vertigem:
outra parte,
linguagem.

Traduzir uma parte

menina branca de neve,
me leve no esquecimento.

GAP

Eu vi a arca de Vinícius de Moraes, eu vi
Adélia Prado e José Paulo Paes.
Eu vi o Sol, eu vi a Lua, eu vi a poesia do no
meio da rua.

AA Você aceita poesia? Quem vai fazer?

Laila

Um instante

Aqui me tenho
como não me conheço
nem me quis

sem começo
nem fim

aqui me tenho
sem mim

nada lembro
nem sei

à luz presente
sou apenas um bicho
transparente

AA E você, você aceita poesia? Quem vai fazer pra ele?

R

Pois Gullar não se sossega
vai para o Rio de Janeiro
e de cara ganha emprego
um serviço prazenteiro,
de revisor da revista
que era a famosa *O Cruzeiro*.

OA

Trabalhando sem parar
com papel de celulose,
revisando ou escrevendo
sem dar tempo a simbiose,
afastou-se do serviço
por pegar tuberculose.

R

Conheceu Oswald de Andrade
que leu *A luta corporal*,
Oswald do Modernismo
achou tudo genial,
inspirou então Gullar
tentar peça teatral.

OA

A luta corporal foi
livro de obra precursora,
da poesia concreta
genialidade criadora,
lutando com as palavras
de forma libertadora.

R

E no *Jornal do Brasil*
em artigo semanal
engaja-se no projeto

sendo ele dominical,
trabalhando com fervor
como revisor geral.

OA

Neste mesmo ano rompe,
rompe com o grupo concretista,
por ter Ferreira Gullar
seu próprio ponto de vista,
quem faz poesia concreta
tem alma pura de artista.

R

Toda a sua poesia
um formigueiro concreto
palavras desarrumadas
num labirinto secreto
baixadas de sua mente
como em forma de decreto.

OA

Trabalhou no CPC
era duro o seu papel
encarando a ditadura
sentiu-se o amargo do fel,
em supetão de relance,
escreveu quatro romances
em formato de cordel.

R

Casou Ferreira Gullar
em laço de comunhão
com a atriz afamada
razão de sua paixão,
a dama de muitas peças
que era Tereza Aragão,
e a Cláudia não vai ficar com ciúme não!

em frente ao Palácio da Alvorada.
E só depois
reconsidera: beija
nos olhos os que ganham mal
embala no colo
os que têm sede de felicidade
e de justiça.
E promete incendiar o país.

GAP

Eu vi a poesia e trouxe pra você, venha também recitar e ler.
Eu vi o Sol, eu vi a Lua, eu vi a poesia no meio da rua.

AA Você aceita poesia? Faz pra ela.

Sartre Alves

Cantiga para não morrer

Quando você for se embora,
moça branca como a neve,
me leve.

Se acaso você não possa
me carregar pela mão,
menina branca de neve,
me leve no coração.

Se no coração não possa
por acaso me levar,
moça de sonho e de neve,
me leve no seu lembrar.

E se aí também não possa
por tanta coisa que leve
já viva em seu pensamento,

R peças de porte político
no tempo da repressão.

R A saída,
onde está a saída?
É peça de quem tem fome,
se correr o bicho pega,
se ficar o bicho come,
são peças ricas
que têm assinado o seu nome

OA Tem um livro de memórias
falando sobre o seu exílio
chama-se *Rabo de foguete*,
longe do seu domicílio
traz consigo na cabeça
a memória como auxílio.

R Vem o farol do poeta,
iluminando a alma sua,
diz Gullar na profecia:
poesia se faz na rua,
no meio do povo sofrido
e não no mundo da Lua.

OA José Ribamar Ferreira,
o poeta visionário
aceita a dor da palavra
em qualquer rua ou horário,
por isso sempre escreveu
o poema necessário.

R Gullar pega na caneta,
também pega no pincel,
pinta quadro, faz colagem
e também poema de cordel,
dos problemas sociais
adoça o verso com fel.

OA Pois, é Ferreira Gullar
um portento baluarte,
além de vate do povo
és um bom crítico de arte,
a sua obra grandiosa
presente está em toda parte.

R Ferreira Gullar foi o pai da poesia social
sobre os latifundiários
combatia sem igual,
via o capitalismo
como o reflexo do mal.

OA *Em alguma parte alguma,*
última publicação,
em plena maturidade
firme de pé no chão
e vai o poeta transpondo
o marco da criação.

R Lá vai Ferreira Gullar
no trenzinho caipira,
gritando no coração
tudo o que o povo suspira,